

## **ATENDIMENTO A UMA CRIANÇA ABRIGADA**

**Paula Approbato de Oliveira  
Profa. Dra. Vânia Conselheiro Sequeira  
Universidade Presbiteriana Mackenzie**

**Resumo:** O presente artigo discorre sobre o estágio de Psicologia Jurídica realizado no ano 2005 em um abrigo de São Paulo. Foi atendida uma garota de oito anos que se encontrava abrigada desde os sete meses de idade com o foco em sua reintegração familiar. Sua história se mostrou marcada por rejeições e violência e assim, a garota apresentou necessidade de buscar segurança e aceitação dentro do contexto terapêutico. Foram utilizados recursos lúdicos e a história de Tarzan e foi percebido que a garota se mostrou insegura e em conflito entre permanecer no abrigo e voltar para sua casa.

**Palavras chave:** Abrigo; atendimento; criança; psicologia; jurídica

## **ATTENDANCE OF A SHELTERED CHILD**

**Abstract:** This article encloses the period of training on Legal Psychology that took place on 2005 in a shelter in São Paulo. An eight-year-old girl that has been sheltered since she was 7 months old has been given attendance concerning her familiar reintegration. She has a violent history, full of rejections, and therefore the patient needed to search security and acceptance in the therapy context. Playful resources and Tarzan's story have been used and it was realized that the patient seems very insecure and in conflict when it comes to face the duality stay in the shelter and go back home.

**Keywords:** Shelter; attendance; child; psychology; legal

## **Introdução**

Tarzan era um garoto que foi adotado por gorilas quando era um pequeno e frágil bebê, após a morte de seus genitores. O garoto cresce com os demais filhotes na floresta até que descobre, através de sua imagem refletida no espelho, que não é um macaco. Já adulto, é descoberto pela sociedade e entra em contato com humanos...

A história citada é demasiadamente famosa e por esse motivo não será alvo de descrição minuciosa. No entanto, o atendimento de uma garota de oito anos que se encontrava abrigada desde a tenra infância, demonstrou que certos simbolismos podem se tornar significativos para o trabalho clínico. Foram realizados dezoito atendimentos no próprio abrigo, no período compreendido de maio a novembro de 2005. As principais queixas da entidade foram a dificuldade de relacionamento com a mãe, comportamentos desafiadores, furto e quadro de ressecamento da pele sem etiologia definida (como possível sintoma psicossomático).

Em diversas sessões, Bruna mostrou interesse pela história do Tarzan, utilizada em alguns momentos de seu processo a fim de se trabalhar a ruptura familiar e o cuidado por terceiros. Primeiramente, assinalou-se a morte dos pais de Tarzan quando ele ainda era bebê e de uma maneira brusca. Bruna foi abrigada quando tinha apenas sete meses de idade, o que também deve ter se constituído em vivência dolorosa para ela. Assim como o personagem que foi acolhido por uma espécie diferente, Bruna foi criada e cuidada por pessoas não familiares, mas que acabaram se configurando como uma família. Passou, porém, por seis abrigos, o que dificultou ainda mais a estabilidade afetiva e emocional necessárias ao seu crescimento.

Ao retomar o seu histórico, assinala-se que antes de conceber a criança, a genitora teve dois filhos, sendo um menino e uma menina e, sofreu um aborto devido a agressões físicas do pai das crianças que era usuário de crack. A mãe também fez uso da droga durante a

gestação de Bruna, fato que se prolongou após a separação do companheiro. Parou apenas depois do nascimento da filha, quando descobriu que era tuberculosa. Foi então que decidiu morar com a sua mãe levando consigo os filhos, que logo em seguida foram abrigados; a genitora foi morar com amigos que também usavam drogas, sendo esse o período de uso mais intenso.

Passado algum tempo, a mãe recuperou-se e conseguiu desabrigar os filhos, que não queriam voltar para casa. Nessa ocasião Bruna necessitou de tratamento psicoterapêutico, seus cabelos caíram e sua pele ressecou; após um período em casa, foi encaminhada pela escola ao Conselho Tutelar por apresentar marcas de agressão física. Relatou que havia sido espancada e foi novamente abrigada, porém sem os irmãos. A genitora negou qualquer tipo de violência e narrou versões diferenciadas para o fato.

O que chamou a atenção neste caso foi o fato de Bruna continuar abrigada até o momento do estágio, enquanto a sua mãe morava com um novo companheiro e com seus outros filhos, incluindo os dois caçulas frutos desse relacionamento recente.

## **Discussão**

A Teoria do Apego evidencia a importância da ligação emocional que se desenvolve entre o bebê e seu cuidador, para orientar e guiar os desenvolvimentos afetivo, cognitivo e social (BOWLBY, 1990). Os bebês também apresentam um “período sensível”, em que se encontram mais dispostos a formar vínculo com suas mães. Eles exteriorizam esse apego através de comportamentos como sorrir, chorar, sugar o polegar, olhar em direção à mãe, entre outros, com o objetivo de atraí-la para perto deles ou levá-los em direção a elas. (ALEXANDRE; VIEIRA, 2004). Parece que isso não ocorreu com Bruna, que permaneceu abrigada desde o início de sua vida.

Winnicott (1999) discorre sobre o assunto e cita que a relação emocional profunda entre o filho e figuras parentais (especificamente

a mãe) é condição básica para que a criança vivencie a confiabilidade no lar, sendo um dos requisitos básicos para o desenvolvimento saudável da personalidade. Assim, terá condições de experimentar sua agressividade, administrando e dimensionando a sua capacidade construtiva.

Bowlby (1997) assinala que existem evidências que seres humanos de todas as idades são mais felizes e mais capazes de desenvolver seus talentos quando estão seguros de que existem pessoas para ajudá-los, caso surjam dificuldades. Essa segurança depende diretamente de figuras de apego estáveis, sendo que rupturas tendem a ocasionar dor e depressão. Winnicott (1999) se aproxima dessas idéias quando afirma que a segurança atua no sentido de ajudar a retirar a criança do inesperado, ou seja, de um mundo desconhecido com intrusões indesejáveis, além de protegê-la de seus próprios impulsos e dos efeitos que eles possam produzir.

Desde as primeiras sessões foi perceptível a necessidade que Bruna tinha de buscar segurança e aceitação dentro do contexto terapêutico. Durante jogos facilitava a vitória da sua concorrente, pedia desculpas diante de diversas situações banais e verbalizava comentários como: *"vou guardar os brinquedos porque se eu não guardar eu nunca mais volto aqui"* (SIC). Parece que projetou uma figura internalizada punitiva e ameaçadora, que precisava seduzir e agradar para receber amor. Além disso, necessitou de um controle extremo de sua agressividade para que não afetasse o meio e não fosse banida dele.

Durante o processo também surgiram sinais de extrema organização e limpeza. Esses podem ser compreendidos de diversas maneiras, como tentativa de obter controle e segurança frente a um ambiente que não foi confiável e benéfico para si. Por outro lado, podem indicar um mecanismo de formação reativa frente alguma angústia, ou seja, uma defesa contra conteúdos ameaçadores que pudessem "poluir" o setting terapêutico. Vale ressaltar que esses

mecanismos pareceram comprometer a expressão pura de seus afetos e pareceram criar uma máscara a fim de ser aceita e amada.

Aliado a isso, as brincadeiras surgidas nas sessões mostravam um modelo de cuidados para a criança que contemplava apenas a atenção às necessidades primárias, como comer e dormir, sem incluir outros comportamentos afetivos. Isso pode indicar o modelo de cuidado que a criança teve para si, em que as maiores preocupações eram a sua sobrevivência em detrimento da criação e sustentação de vínculos afetivos estáveis. Nesse sentido, Almeida e Motta (2004) relataram que na institucionalização não há lugar para as necessidades individuais e há poucas oportunidades para trocas afetivas, situação muitas vezes ocasionada pelo acúmulo de tarefas das pessoas envolvidas com a instituição. Esse quadro pode dificultar o desenvolvimento da criança, tanto na sua integridade, quanto na sua identidade. Sendo assim, o funcionamento institucional não deve submeter a criança a padrões definidos a ponto de enquadrá-la em um sufocamento de suas expressões subjetivas.

Mais uma vez tendo a história de Tarzan como referência, percebe-se o quanto o garoto se sentia diferenciado dos demais, tanto no período de adaptação à floresta quanto no posterior contato com os humanos. Desde as primeiras sessões Bruna comunicou a sensação de ser diferente da sua família e apresentou uma baixa auto-estima relevante, primeiramente relacionada ao seu quadro de ressecamento de pele e características físicas como cabelo encaracolado. Um exemplo disso foi a fala: *"quando eu nasci senti que eu era um animal"* (SIC).

Oppenheim, Koren e Sagi (2001 apud ALEXANDRE; VIEIRA, 2004) citam que, no caso de privação materna, seja este afastamento físico ou emocional, muitas são as conseqüências de ordem física, intelectuais e sociais, podendo inclusive, influenciar no aparecimento de enfermidades físicas e mentais. O quadro de

ressecamento da pele pode estar associado a isso, assim como a sua dificuldade de se sentir adequada e adaptada ao seu meio social.

As concepções acima foram formuladas com base no trabalho do primeiro semestre e nortearam as intervenções após o período das férias. Nesse retorno, foram percebidas algumas mudanças significativas na maneira de Bruna se apresentar, que foram lentas e graduais. Inicialmente buscou constante apoio e cumplicidade. Aos poucos, apresentou maior competitividade que foi compreendida como um dos primeiros sinais de atuação da agressividade nas sessões.

Bruna buscou brincadeiras em que pudesse elaborar fatos vivenciados em sua casa e resgatou o sentimento de pertencer a um lar, principalmente no período em que suas saídas semanais para casa foram impossibilitadas por uma enfermidade do irmão. Nesse sentido, Winnicott (1975) explicita que as crianças não brincam apenas por prazer. A atividade lúdica também é instrumento para a dominação de angústias ou impulsos que as conduzem ou então controle de idéias.

A partir da leitura do início da história do Tarzan e da elaboração pela criança de um final próprio, diversas questões foram sinalizadas. Através de metáforas, tornaram-se evidentes os medos e traços de violência existentes em sua história, mas que ainda se constituem em um segredo familiar causador de raiva e angústia. Percebeu-se que a separação da família configurou-se como uma intensa vivência de aflição e abandono, que foi seguida pela necessidade de criação de novos vínculos com os profissionais das Instituições.

Bruna se manteve atenta para não deixar que nenhuma cena traumática pudesse ser verbalizada e descoberta, como se desejasse proteger a integridade familiar e sua própria possibilidade de reintegração ao lar de origem. Em seguida, foi verbalizada a impossibilidade de conhecer seu pai e comunicada sua fantasia em

relação a esse espaço vazio em sua vida. Também foi notada uma figura masculina autoritária e agressiva.

Questões como “onde é o meu lugar?” e “a que local eu pertencço?” apareceram no decorrer do atendimento. Segundo Winnicott (1997), a criança pode ter se afastado dos pais na vida e na fantasia consciente, mas o inconsciente sempre retém o caminho de volta aos pais. A criança aos poucos vai exigindo cada vez menos dos pais, mas isso se passa em nível da fantasia consciente. Na realidade, o afastamento só se dá em relação à figura externa dos pais, pois as figuras reais da mãe e do pai permanecem vivas na realidade psíquica e interior.

Por meio da história de Tarzan e de algumas produções gráficas, nas quais o espaço representado como um abrigo era totalmente sombreado e compartimentalizado, sem uso de cor, sem portas e janelas, Bruna mostrou o quão traumática pode ter sido a vivência no primeiro abrigo e o quanto se sentia dividida no momento dos atendimentos. Assim como Tarzan viveu o conflito entre a floresta e a humanidade, a criança expressava o desejo de retornar aos pais, mas também de permanecer no local seguro e afetuoso em que se encontrava no momento do atendimento. É interessante ressaltar que as produções gráficas de sua casa apresentaram portas fechadas e com forte pintura, e ela verbalizou estar do lado de fora. Ao mesmo tempo, o desenho do abrigo atual possuía uma vasta portaria onde era permitido entrar e sair, mas também uma cama própria e uma enfermaria, que poderiam ser entendidas como simbolizando o espaço que conquistou e o cuidado que recebia.

Outro fato importante foi o comportamento de Bruna de levar doces da sala de maneira escondida; no abrigo atual era comum, em algumas salas, existirem potes com balas e doces. Isso se deu ao mesmo tempo em que a criança escolhia jogos, cuja tarefa principal era conquistar gêneros alimentícios pelo tabuleiro. Segundo Winnicott (1999), a tendência anti-social (nesse caso o roubo) seria uma

tentativa de estabelecer uma reivindicação. A criança estaria olhando um pouco mais longe, recorrendo à sociedade em vez de recorrer à família para lhe fornecer a estabilidade que necessitava, a fim de transpor os primeiros estágios de seu crescimento emocional. Quando uma criança rouba açúcar, ela deve estar procurando a boa mãe, de quem ela tem o direito de compartilhar a doçura de existir. Essa doçura é na verdade da criança, pois ela construiu a mãe com sua doçura a partir da sua criatividade primária e capacidade de amar. Quando uma criança está fora de casa, está também procurando a mãe, mas com maior sentimento de frustração e com maior necessidade de encontrar a autoridade paterna que, poderá colocar um limite ao seu comportamento impulsivo e à atuação de idéias ocorrentes nos momentos de excitação.

### **Conclusão**

Quando o atendimento estava por acabar foi realizado um trabalho de preparação para o desligamento, já que o histórico de Bruna encontrava-se repleto de abandonos e desligamentos. Finalizar o processo sem o devido acompanhamento poderia indicar mais uma violência e mais uma marca a ser levada em sua trajetória.

Apesar de todo esse preparo e de todas as hipóteses levantadas acima, coube para o encerramento deste trabalho mais uma reflexão teórica. Bowlby (1997) cita que no quadro de funcionamento da personalidade, além de uma base segura, é necessário averiguar a capacidade ou incapacidade relativa do indivíduo em iniciar e manter relações mutuamente significantes. Sendo assim, o funcionamento saudável compreende a capacidade do indivíduo em reconhecer figuras adequadas e colaborar com elas para estabelecer relações mutuamente significativas. Nesse sentido, o trabalho buscou não apenas averiguar o passado conturbado da criança e atuar na elaboração de suas dificuldades, mas também promover uma relação de confiança para o seu crescimento e desenvolvimento de suas

capacidades individuais, o que entendemos que foi parcialmente alcançado. Em relação ao prognóstico de Bruna, pouco pôde ser profetizado. Ele envolve o Poder Judiciário e a equipe técnica do abrigo, assim como as fortes marcas da “floresta” e “humanidade” que Bruna levará na sua vida.

## **Referências Bibliográficas**

---

ALEXANDRE, D. T.; VIEIRA, M. L. Relação de apego entre crianças institucionalizadas que vivem em situação de abrigo. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 9, n.2, p. 207-217, maio/ago. 2004.

ALMEIDA, T. L. MOTTA, M. A. P. A. As Marcas do Abandono e da Institucionalização em Crianças e Adolescentes. In: **CECIF, Dialogando com Abrigos**, São Paulo, Centro de Capacitação e Incentivo à Formação, 2004. p. 15–27.

BOWLBY, J. **Apego e perda**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

\_\_\_\_\_. **Formação e Rompimento de Laços Afetivos**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

WINNICOTT, D. **O Brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

\_\_\_\_\_. **Privação e Delinquência**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **A Família e o Desenvolvimento Infantil**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

### **Contato:**

Paula Approbato de Oliveira  
Rua Serra de Bragança, 1086  
Cep: 03318-000  
e-mail: [paula\\_approbato@yahoo.com.br](mailto:paula_approbato@yahoo.com.br)

**Tramitação:**  
**Recebido em: maio de 2006**  
**Aceito em: agosto de 2006**